

ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM ACERVO DE MUSEU: A FOTOGRAFIA HISTÓRICA

ORGANIZATION OF INFORMATION IN COLLECTIONS MUSEUM: THE HISTORICAL PHOTOGRAPH

Renata Cardozo Padilha⁶
Lígia Maria Arruda Café⁷

Resumo: As fotografias históricas são consideradas como uma importante fonte de pesquisa. Sua salvaguarda em acervo de museu evidencia a necessidade de se repensar sua organização. Assim, o objetivo geral é identificar a fotografia histórica como objeto museológico e fonte de pesquisa científica e refletir sobre as formas de descrição desse tipo de acervo para facilitar aos pesquisadores o acesso à informação. Para tanto, elaborou-se uma ficha documental, com base em dois modelos, para servir de instrumento na inserção dos metadados coletados. Aplicamos esta ficha documental nas fichas de catalogação de acervos fotográficos históricos dos Museus de Imagem e Som do sul e sudeste do Brasil, o que resultou no que denominamos proposta de conjunto de metadados para descrição de fotografia histórica que atenda as expectativas de recuperação pelo pesquisador no espaço museológico. Entre os problemas encontrados está o número baixo de metadados comuns entre as fichas de catalogação pesquisadas. Conclui-se que a fotografia histórica salvaguardada no museu é uma fonte de informação para a pesquisa científica e que, para tanto, deve ser descrita de modo a atender o recomendado pelo sistema de documentação museológica.

Palavras-chave: Acervo fotográfico histórico. Museu. Organização da informação. Documentação museológica. Metadados.

Abstract: Historical photographs are considered as an important source of research. Their safeguard in the museum collection highlights the need to rethink their organization. Thus, the aim of this study is to identify the photograph as historical museum object and as a source of scientific research and to reflect on the forms of describing this type of collection to facilitate researcher to access information. With this in mind, we prepared an analysis grid, based on two models, to serve as a tool to insert the metadata collected. We apply this analysis grid on catalogues of the historical photographic collections of the Museums of Image and Sound in South and Southeast of Brazil, which results in what we called proposal metadata for describing historical photographs for researchers needs in the museum context. Among the problems identified, was the low level of shared common metadata between the catalogues data investigated. We conclude that the historic photograph safeguarded in the museum is a information source for scientific research and, therefore, must be described in order to meet the recommended by the museum documentation system.

Keywords: Historical photographic collection. Museum. Museological documentation. Information Organization. Metadata.

1 INTRODUÇÃO

⁶ Mestre em Ciência da Informação – UFSC.

⁷ Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – UFSC.

Do ponto de vista de sua função social e cultural, o museu, visto como espaço destinado à pesquisa, desempenha um importante papel na construção do conhecimento por intermédio de seu acervo. Nessa perspectiva, seus objetos devem ser salvaguardados como fontes de informação científica, que, para se configurarem como tal, necessitam estar organizados e sistematizados de modo a atender não só os funcionários do museu e o público em geral, como também, o pesquisador especializado que visa obter informações detalhadas sobre seu objeto de estudo.

O objeto, ao ser adquirido pelo museu, passa por uma ressignificação de sentidos e funções, o que o torna um objeto museológico completo de características intrínsecas e extrínsecas resultantes de suas múltiplas possibilidades informacionais (FERREZ, 1994). Nessa trajetória, sua descrição deve contemplar tanto dados sobre sua vida útil antes de fazer parte do museu e depois, quando ganha novos usos nesse espaço.

Como foco de análise desta pesquisa, elegeu a fotografia histórica, tendo em vista que, além de ser apreciada por meio de seu valor patrimonial, é fonte de pesquisa científica⁸ (LOIZOS, 2008). Nesse sentido, é considerada fotografia histórica aquela que, por meio do seu suporte físico e conteúdo imagético, possa ser investigada em relação aos contextos histórico, social, cultural, econômico e artístico em que foi produzida em um espaço-tempo determinado (KOSSOY, 2001). Para este caso, foi estabelecido o período de meados do século XIX ao final do século XX.

A presente pesquisa tem como objetivo geral identificar a fotografia histórica como objeto museológico e fonte de pesquisa científica e refletir sobre as formas de descrição desse tipo de acervo em museus para facilitar aos pesquisadores o acesso à informação. Os objetivos específicos são: identificar características intrínsecas e extrínsecas de acervo fotográfico histórico, salvaguardados em museus, descritas na literatura; levantar os metadados usados para o tratamento documental de fotografias históricas, nos Museus da Imagem e do Som (MIS) situados no sul e sudeste do Brasil; interpretar os metadados adotados nos Museus da Imagem e do Som (MIS) tomando por base as características identificadas na literatura;

⁸ Considera-se pesquisa científica como uma investigação realizada pelo pesquisador, na qual necessita corresponder a normas pré-determinadas e a utilização de métodos específicos para sua constituição.

propor um conjunto de metadados para a descrição de fotografias históricas que atenda as expectativas de recuperação pelo pesquisador no espaço museológico.

Pretende-se na relação entre Ciência da Informação e Museologia (BARBUY, 2008), desenvolver a base para o estudo. Dessa forma, a investigação volta o olhar para a instituição museu na perspectiva da Organização da Informação, pois se acredita na potencialidade deste campo em preencher lacunas ainda sem solução no funcionamento dos sistemas de informação e documentação dos museus.

2 MUSEU: ORGANIZAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

Os gabinetes de curiosidades, criados por volta do século XVII, reuniam uma quantidade considerável de objetos que representassem as produções do homem no mundo. Esses espaços foram concebidos por grupo de pessoas que possuíam interesse em comum por determinados assuntos, bem como aquelas que se atraíam por acumular uma grande quantidade de objetos, de variadas tipologias, em suas casas; e que também buscavam exibir peças exóticas que retratassem de uma forma universal, seu interesse pelas coisas (BURKE, 2003).

Com a concepção desses espaços, percebe-se um acúmulo desordenado de informação que aumentava consideravelmente devido a variedade tipológica de objetos e documentos que surgiam de todas as partes do mundo. A iniciativa de reunir uma grande quantidade de objetos e expô-los em uma sala foi uma inovação para a época, pois permitia que em um mesmo lugar fossem encontrados objetos variados que representavam diferentes assuntos e possibilitavam ao indivíduo adquirir conhecimentos diversos. No entanto, os gabinetes de curiosidades tinham por finalidade reunir o maior número de objetos sem atentar para a contextualização e organização informacional do seu acervo, o que tornava limitando a construção de conhecimento pelos seus visitantes.

Com o passar dos séculos, a criação de instituições denominadas museus, preocupadas com a salvaguarda e comunicação dos bens culturais e com o seu público, se tornava evidente. Com base nisso, as questões relacionadas com a construção do conhecimento, fundamentado nas diferentes áreas do saber, estimulou o tratamento documental desses objetos salvaguardados de modo que o público não só observasse o suporte físico exposto, mas também e, principalmente, compreendesse a história do objeto e suas particularidades que fizeram dele um bem cultural da sociedade.

Os museus começam a se reformular, e a preocupação com a organização e disseminação da informação passa ser necessária. Os objetos ao entrarem nos museus são

ordenados, classificados, interpretados, analisados e divulgados de modo que o público possa construir conhecimento. Conforme o Estatuto Brasileiro de Museus, Lei nº 11.904/2009 (Art. 1º), é considerado museu as

instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, **pesquisa**, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, grifo nosso).

Nesse sentido, se destaca a finalidade de pesquisa, determinado em lei, para aproximar as questões referentes a essa função em que os museus devem desenvolver suas práticas institucionais, tanto para a realização das suas atividades como também para tornar acessível seu acervo ao público e pesquisador especializado. Vinos Sofka, um dos criadores do *International Committee for Museology - ICOM* publicou em 1978 uma obra na qual reconhece a importância da pesquisa científica nos museus e sobre os museus, afirmando que “a pesquisa científica nos museus é uma das tarefas primordiais, uma necessidade óbvia. É tão óbvia que já não pode ser restrita apenas às coleções de um museu específico. Mas, para os museus e a sua organização [...]” (SOFKA, 2009, p.84).

Ao pensar nessa pesquisa que o museu deve proporcionar para seu público/pesquisador, Ferrez (1994, p.65) expõe que:

[...] os museus a partir das suas funções, constata-se que são instituições estreitamente ligadas à informação de que são portadores os objetos e espécimes de suas coleções. Estes, como veículo de informação, têm na conservação e na documentação as bases para se transformarem em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, por sua vez, geram e disseminam novas informações.

Os motivos que levam os museus salvaguardarem os objetos são inúmeros, porém é inegável que qualquer que sejam essas razões estas estão atreladas às potencialidades de informação dos objetos. Basta analisá-los para que comecem a surgir possibilidades de respostas sobre seus usos, materiais, relações sociais, entre outros. De tal maneira, é considerado imprescindível que as etapas de desenvolvimento das coleções sejam cumpridas ordenadamente, da entrada do objeto no museu à disseminação da informação, para que assim os passos que correspondem à tríade preservação, pesquisa e comunicação sejam possíveis.

Dessa forma, se identifica a documentação como procedimento que perpassa todos os caminhos do museu, pois de acordo com Loureiro (2008, p.27-28) é na documentação que se “[...] organiza domínios de informação instituindo processos e construindo instrumentos essenciais nos quais os diversos produtores e usuários de informação possam estabelecer princípios racionais de preservação, gestão e acesso a informação”.

Smit (2011) apresenta um quadro em que exhibe os diferentes tipos de documentos presentes no museu, sendo eles: objetos, documento de gestão do acervo museológico, documento gerado pelo uso do acervo museológico, documento de apoio, documentos administrativos. O quadro permite verificar as atividades que contemplam a documentação dos acervos visando o tratamento sistemático do conjunto de dados informacionais contidos em cada um dos objetos pertencentes às coleções do museu, bem como de todas as práticas desenvolvidas na instituição.

Os objetos em sua trajetória perdem e ganham informações em consequência de sua funcionalidade, reparos e degradação. Quando adquiridos pela instituição museológica, o objeto inicia uma nova história que deverá continuar sendo documentada (FERREZ, 1994). O intuito desse sistema é preservar os objetos, potencializar o acesso e elevar ao máximo o uso da informação contida neles. São componentes deste processo: a entrada que tange a seleção e aquisição; a organização e controle que compete o registro, número de identificação/marcação, armazenagem/localização, classificação/catalogação e indexação; e as saídas que são as etapas de recuperação e disseminação da informação (FERREZ, 1994).

Nesse sentido, cabe ressaltar que a documentação precisa dar conta dessas informações, para que os museus não corram o risco de se tornarem depósitos de objetos sem sentido e passado, por isso a clareza e exatidão dos dados, a definição dos campos de informação, normalização de procedimentos, controle terminológico, segurança da documentação, entre outros, devem ser atentamente desenvolvidos.

3 FOTOGRAFIA HISTÓRICA NO MUSEU: ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Os avanços tecnológicos da fotografia, desde sua invenção no século XIX com a primeira imagem fixada num suporte físico em 1826 por Niépce⁹, até o presente, proporcionaram o reconhecimento e a valorização da sociedade no que se refere à evolução dos processos fotográficos, bem como a identificação desta como importante fonte documental. A fotografia surge em meio ao contexto da revolução industrial, juntamente com as transformações econômicas, sociais e culturais que ocorriam naquela época. Segundo Kubrusly (2006, p.11), “[...] a fotografia emergiu quase que como uma forma industrial da imagem, apoiada na misteriosa ‘máquina de pintar’”.

⁹ Pode ser considerado o inventor da fotografia, conseguiu fazer a primeira imagem fotográfica permanente.

Desde então, a fotografia passa a assumir papel fundamental nas questões relacionadas com a evolução tecnológica e comunicacional da sociedade. Por volta da década de 1980, se constatou um forte interesse por pesquisadores e unidades de informação, instituições de salvaguarda de acervos como museus, bibliotecas e arquivos, em utilizar a fotografia como importante instrumento de pesquisa e representação social, não só, mas principalmente das Ciências Sociais. A compreensão da fotografia como fonte de pesquisa científica surge em meio às percepções quanto aos usos sociais que conduziram o invento fotográfico ao longo dos séculos XIX e XX e que permitiram consolidar uma grande quantidade de acervos ao longo do tempo (LEITE, 2001). Segundo Kossoy (2001, p.25), a fotografia começa a ser percebida “enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística.”.

A fotografia possui características próprias de representação do real, simplesmente por ser um registro direto do objeto fotografado, ou seja, ao capturar uma imagem em um determinado espaço-tempo, ela apresenta detalhes próprios de um contexto que possivelmente já tenha passado, exceto se essa imagem fotográfica for produzida e criada para tal finalidade. Nesse sentido, é coerente a visão de Flusser (2011, p.57) quando diz “[...] que as fotografias abrem ao observador visões do mundo.”, e diante disso é possível perceber o quanto a fotografia pode ser um importante instrumento de investigação, uma vez que nos apresenta fragmentos de espaços e tempos diversos que induzem a múltiplas interpretações.

Com relação a isso, Barthes (2011) em sua obra intitulada *A Câmara Clara* já nos alertava para o problema de análise de imagens fotográficas, quando afirmava que se conhecia melhor uma fotografia pela lembrança do que pela visualização dela, pois como se a visão direta da imagem guiasse erroneamente a linguagem, compreendendo-a em um esforço maior de descrição. Tendo em vista essas pluralidades interpretativas que a fotografia possibilita ao observador, verificam-se as dificuldades de documentar os conteúdos desse tipo imagético, uma vez que tais interpretações possíveis estão envolvidas em variados códigos sociais (CARVALHO; LIMA, 2009).

Diante disso, averigua-se a necessidade de se pensar as questões que envolvem os processos de organização e descrição de fotografias históricas nos acervos, uma vez que os acervos institucionais estão carentes de tratamento de conservação física e documental (CARVALHO; LIMA, 2009). A crescente utilização de documentos fotográficos como objeto e fonte de estudo demonstra a necessidade de se estabelecer instrumentos de organização que

permitam a localização dos acervos fotográficos existentes, bem como possibilitem a recuperação do seu conteúdo informativo.

Nesse contexto, é identificada uma referência indispensável sobre o presente assunto, o Manual para Catalogação de Documento Fotográfico desenvolvido pela Funarte, Biblioteca Nacional, Museu Histórico Nacional e Imperial e a Fundação Getúlio Vargas (FUNARTE et al., 1997). Esse teve o intuito de estabelecer um estudo sobre métodos e técnicas de organização e tratamento de acervos fotográficos, buscaram elaborar uma tentativa de padronização nos procedimentos empregados pelas instituições detentoras de acervos fotográficos, de forma adequada, compreendendo sua variedade tipológica de suportes e materiais. Como também se observa um profundo esforço de estudiosos como Shatford (1984, 1986, 1994), Smit (1987; 1996; 1997), Burgi (2001), Cartier-Bresson (2004), Kossoy (2001), Manini (2008; 2010), Marcondes (2002) e Pavão (1997) no sentido de aprimorar as formas de tratamento físico e documental de fotografia.

A descrição de fotografia visa à organização e recuperação, portanto é necessário levar em consideração esse processo no qual é denominado de Organização da Informação. Segundo Bräscher e Café (2008, p.5), “o objetivo do processo de organização da informação é possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação”. Para tanto, é necessário realizar a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais, o que resulta na representação da informação. Café e Sales (2010, p.118), afirmam que “a descrição física de um objeto informacional se dá pelo processo de catalogação cujo resultado é a representação do suporte físico ou documento. Pode utilizar linguagem específica, normas e formatos que padronizam esse tipo de descrição”.

O processo de descrição do conteúdo leva o nome de análise documentária, esta conceituada, segundo Cunha (1987, p.40), “como um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação”. É importante destacar que na análise documentária três elementos estão presentes: a linguagem do documento, do sistema e do usuário. Essa questão leva as unidades de informação a adotarem esquemas que padronizem a descrição da informação, visando respeitar a terminologia do público/pesquisador. Estes esquemas são denominados de linguagens documentárias que, de acordo com Cintra (2002, p.33), “são construídas para indexação, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistemas de símbolos destinados a ‘traduzir’ os conteúdos dos documentos.” para a linguagem do sistema de recuperação da informação. Na atualidade, a informação documentária pode ser registrada em metadados, que, segundo Marcondes (2006, p.97) “são dados associados a um

recurso web, um documento eletrônico, por exemplo, que permitem recuperá-lo, descrevê-lo e avaliar sua relevância, manipulá-lo [...], gerenciá-lo, utilizá-lo [...]”.

Tendo em vista que os museus são detentores de diversos tipos de acervos, entre os quais se destaca o acervo fotográfico histórico, destaca a fotografia, como objeto informacional que possui especificidades cuja descrição requer metodologia de análise própria que a caracterize como informação (SMIT, 1996). Neste contexto duas obras foram consideradas fundamentais para a descrição de fotografias: Manini (2008) e Kossoy (2001).

A primeira foi eleita diante das reflexões acerca da precisão com relação ao conteúdo informacional e da técnica que devem ser consideradas no tratamento documental da fotografia. Não faz distinção quanto ao tipo de unidade de informação (arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus) que a preserva, mesmo destacando que este objeto pode dispor de diversas informações, dependendo do contexto em que se insere. Seu estudo enfatiza a fotografia como um objeto passível de representação e que por isso necessita de tratamento adequado para que haja uma recuperação eficiente da sua informação nestes espaços. A autora, por meio de um quadro proposto com base na teoria de Smit (1997), apresenta um conjunto referencial de meta-características da imagem fotográfica, não fazendo distinção quanto à fotografia histórica e fotografia artística¹⁰, mas voltado ao processo de descrição proveniente de estudos na área da Ciência da Informação. O quadro 1 a seguir expõe o quadro proposto por Manini (2008).

QUADRO 1 – Proposta de Manini (2008) para análise de fotografia

	Conteúdo Informacional		Dimensão
	DE	SOBRE	Expressiva
Categoria	Genérico	Específico	
Quem/O que			
Onde			
Quando			
Como			

Fonte: Quadro elaborado por Manini (2008) com base na grade de Smit (1997).

Por outro lado, como cada unidade de informação possui métodos e técnicas distintas de concepção institucional, somente a proposta de Manini (2008) não traria densidade ao trabalho, uma vez que a pesquisa aborda o acervo fotográfico histórico inserido no espaço

¹⁰ Considera essa como “arte-fotografia” conforme apresenta Rouillé (2009), utiliza como exemplo, as fотomontagens que são criações imagéticas que associam duas ou mais imagens, ou fragmento de imagens com a finalidade de gerar uma nova imagem.

museológico, e que, para tanto, exige outras formas de descrição voltadas especificamente para a recuperação em museus por pesquisadores.

A escolha pela obra de Kossoy (2001) se justifica tendo em vista a sua preocupação em compreender a fotografia histórica como um objeto de museu que possui informações referentes tanto ao seu conteúdo imagético como seu contexto externo, que diz respeito tanto ao suporte físico quanto as relações históricas que o compõem. O historiador, ao expor um roteiro contendo os itens considerados relevantes no que tange a fotografia histórica como fonte de pesquisa científica, evidencia que são igualmente importantes as questões relacionadas ao suporte físico, o conteúdo informacional e as relações externas ao objeto. Para tanto, ilustramos no quadro 2 o que em cada item do roteiro proposto ele recomenda conter para a descrição da fotografia, objeto de museu, também, considerada como fonte de pesquisa.

QUADRO 2 – Roteiro de Kossoy (2001) para análise de fotografias históricas

<p>IDENTIDADE DO DOCUMENTO + CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS (registro, localização física, procedência, conservação)</p> <p>INFORMAÇÕES REFERENTES AO ASSUNTO (tema representado na imagem fotográfica)</p> <p>INFORMAÇÕES REFERENTES AO FOTÓGRAFO (autor do registro)</p>
--

Fonte: criado pela autora com base na obra de Kossoy (2001), 2013.

4 METODOLOGIA

Para os procedimentos metodológicos foram adotados alguns critérios com o intuito de identificar a fotografia histórica como objeto museológico e fonte de pesquisa científica, bem como para propor um conjunto de metadados para a descrição de fotografia histórica de acervo de museu. Dessa forma, foram selecionados os autores Manini (2008) e Kossoy (2001), para a elaboração da ficha documental que serviu de instrumento para inserção dos metadados posteriormente sugeridos; se analisou as fichas de catalogação de acervos fotográficos históricos dos Museus de Imagem e do Som situados no sul e sudeste do Brasil, sendo esses: Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (RJ), Museu da Imagem e do Som de São Paulo (SP), Museu da Imagem e do Som do Paraná (PR) e Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (SC); e interpretou por meio da literatura específica assuntos relacionados a fotografia, história da fotografia, análise de conteúdo de imagens fotográficas, fotografia como documento de pesquisa, objeto museológico, documentação museológica, entre outros.

Ao verificar que ambos os estudiosos Manini (2008) e Kossoy (2001), pensam por vias distintas a organização e representação de fotografias, foi destacado a importância de unir essas duas referências para construir uma nova forma de pensar o acervo fotográfico histórico inserido no contexto do espaço museológico. Cada autor possui peculiaridades extremamente relevantes no que tange às formas de refletir a organização e representação da fotografia, fato que se justifica em função de suas áreas de origem. Manini (2008), pelo viés da Ciência da Informação, reconstrói a grade de análise (quadro 1) para descrição de fotografia; Já o historiador Kossoy (2001), por outro lado, pensa especificamente a fotografia histórica, propondo várias facetas de análise deste tipo de documento.

A obra de Manini (2008) foi observada sob a luz do roteiro de Kossoy (2001), estudo que resultou na ficha documental abaixo (quadro 3). Constituiu este instrumento de análise específico que busca a compreensão dos metadados que descrevem as fotografias históricas, no que tange às características informacionais intrínsecas e extrínsecas do objeto museológico.

QUADRO 3 – Ficha Documental

1. Identidade do documento + características individuais		2. Informações referentes ao assunto		3. Informações referentes ao fotógrafo		4. Informações referentes à tecnologia	
DE		DE		DE		DE	
Genérico	Específico	Genérico	Específico	Genérico	Específico	Genérico	Específico
Quem/o que	Quem/o que	Quem/o que	Quem/o que	Quem/o que	Quem/o que	Quem/o que	Quem/o que
Onde	Onde	Onde	Onde	Onde	Onde	Onde	Onde
Quando	Quando	Quando	Quando	Quando	Quando	Quando	Quando
Como	Como	Como	Como	Como	Como	Como	Como
Sobre		Sobre		Sobre		Sobre	
Dimensão expressiva		Dimensão expressiva		Dimensão expressiva		Dimensão expressiva	

Fonte: criado pela autora, 2013.

A ficha documental foi elaborada através da seguinte linha de pensamento: cada item proposto por Kossoy (2001), 1. Identidade do documento + características individuais; 2. Informações referentes ao assunto; 3. Informações referentes ao fotógrafo; 4. Informações referentes à tecnologia foram inseridas as categorias sugeridas no quadro de Manini (2008)

com o intuito de formar um instrumento de avaliação particular para auxiliar no processo de descrição da fotografia histórica. O DE genérico e específico, composto pelos campos QUEM/O QUE, ONDE, QUANDO e COMO, representa de maneira abrangente e detalhada os metadados recomendados com base na literatura específica e nas fichas de catalogação dos museus selecionados. No item 1. Identidade do documento + características individuais, os metadados deveram descrever o objeto/documento no contexto da sua nova história (FERREZ, 1994) dentro da instituição; no item 2. Informações referentes ao assunto, os metadados visam apresentar o conteúdo imagético da fotografia e suas inter-relações com o meio sócio-histórico-cultural; para o item 3. Informações referentes ao fotógrafo, os metadados buscam representar a trajetória e características do autor do objeto/documento; e no item 4. Informações referentes à tecnologia, os metadados devem descrever o contexto tecnológico em que a fotografia faz parte. Com relação às categorias Sobre e Dimensão expressiva, incorporadas em cada item, serão tratados na ficha documental como campos generalizados que estimulam a inserção de metadados em uma abordagem compreensiva, relacionada aos procedimentos institucionais e questões que envolvem a representação da fotografia como objeto/documento museológico.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da elaboração da ficha documental (quadro 3), se destacou e refleti-o sobre quais informações parecem importantes serem descritas para o pesquisador que investiga a fotografia histórica no contexto do museu. Sendo assim, por meio da análise das fichas de catalogação dos Museus de Imagem e do Som selecionados e da literatura específica, pode-se chegar a um conjunto de metadados que descrevesse de forma genérica e específica elementos que representam a fotografia histórica enquanto objeto museológico que também é fonte de informação científica, conforme indicado por Loizos (2008).

Foram inseridos os metadados das fichas dos museus considerados importantes para organização da informação da fotografia histórica tendo por foco sua característica quanto documento de pesquisa. Cabe ressaltar que durante o tratamento dos dados, constatamos a necessidade de criar metadados tendo em vista que aspectos da ficha documental não estavam previstos nos metadados das fichas analisadas, neste caso foram indicados com base na interpretação da literatura específica. O tratamento dos metadados por meio da ficha documental resultou na proposta apresentada a seguir:

QUADRO 4 – Proposta de metadados para descrição de fotografia histórica

1. Identidade do documento + características individuais		2. Informações referentes ao assunto		3. Informações referentes ao fotógrafo		4. Informações referentes à tecnologia	
DE		DE		DE		DE	
Genérico	Específico	Genérico	Específico	Genérico	Específico	Genérico	Específico
Quem/O que	Quem/O que	Quem/O que	Quem/O que	Quem/O que	Quem/O que	Quem/O que	Quem/O que
Título/Nº de registro	Registrado por/Outros números	Descritores	Descritores onomásticos	Autor	Estúdio	Equipamento utilizado	Suporte físico
Onde	Onde	Onde	Onde	Onde	Onde	Onde	Onde
Localização	Posição no álbum/série	Local	Descritores geográficos	Local de nascimento	Local de atuação	Marca do equipamento	Marca do suporte
Quando	Quando	Quando	Quando	Quando	Quando	Quando	Quando
Data de aquisição	Data de registro	Data	Data das anotações	Período de trabalho do fotógrafo	Data de impressão	Período do equipamento	Período do suporte físico
Como	Como	Como	Como	Como	Como	Como	Como
Procedência	Modo de aquisição	Anotações / Assinaturas	Transcrição de assinatura	Característica de estilo	Ambiente fotografado	Processo fotográfico	Natureza do original
Sobre		Sobre		Sobre		Sobre	
Estado de conservação Ex-proprietário Observações		Histórico Elementos simbólicos Observações		Observações		Formato Cromia Dimensão Física Descrição Física Tema Observações	
Dimensão expressiva		Dimensão expressiva		Dimensão expressiva		Dimensão expressiva	
Exposições Publicações Restaurações Autorização de uso		Referência bibliográfica		Objetos associados		Técnica	

Fonte: criado pela autora, 2013.

A análise abaixo foi estruturada a partir de cada tópico da ficha documental, 1. Identidade do documento + características individuais, 2. Informações referentes ao assunto, 3. Informações referentes ao fotógrafo e 4. Informações referentes à tecnologia. Sendo assim,

foram traçadas considerações com relação à importância de cada metadado estabelecido para a descrição de fotografia histórica de modo a atender, principalmente, as necessidades informacionais do pesquisador deste objeto/documento.

5.1 Identidade do documento + características individuais

Passa-se a compreensão de cada categoria estabelecida na proposta (quadro 4) referente a esse tópico. No que tange QUEM/O QUE, genérico e específico, incluiu-se os metadados referentes ao título e o nº de registro que, conforme verificado em Ferrez (1994), sua importância é indiscutível, tendo em vista serem dados que permitem o reconhecimento do objeto na instituição. Ainda com relação a essa categoria, o metadado registrado por é extremamente importante para o museu, uma vez que, de acordo com Smit (2011), a documentação de gestão do acervo museológico e administrativo permite a segurança do objeto e o controle institucional. É este metadado que registra a responsabilidade daquele que inclui os dados descritivos, por exemplo, em caso de dúvidas o pesquisador saberá a quem recorrer. Quanto ao metadado outros números, identificamos que esse é igualmente necessário, pois pode haver casos do objeto ter pertencido à outra instituição, bem como o museu ter passado por uma renumeração do seu acervo e para tanto os números anteriormente registrados devem continuar pertencendo à história do objeto. Trata-se das perdas sugeridas por Ferrez (1994), segundo já mencionadas no referencial teórico desta pesquisa.

No campo de aferição ONDE, genérico e específico, introduziram-se os metadados localização e posição, tendo em vista que estes campos facilitam a recuperação física do objeto de forma fácil e eficiente. Pois, quanto mais específico o detalhamento da descrição do objeto no acervo, que pode compor um álbum, uma série ou um setor (KOSSOY, 2001), maior será a facilidade de sua recuperação pelo pesquisador, bem como poderá auxiliar na identificação das possíveis relações do objeto com o restante do acervo.

O item QUANDO, genérico e específico, trata das datas, referente à aquisição do objeto e de registro da instituição. No que diz respeito ao COMO, genérico e específico, foi selecionado o metadado procedência, o qual Ferrez (1994) aponta como primordial para reconhecer a origem do objeto e o modo de aquisição que, de acordo com Moro (1986), corresponde ao processo fundamental de maior responsabilidade do museu para com o objeto. Estes também contribuem para o registro administrativo e de gestão de acervos, ações muito relevantes ressaltadas no estudo de Smit (2011).

No item SOBRE, se encontram metadados como: estado de conservação e ex-proprietário, o primeiro trata do diagnóstico referente às circunstâncias em que se encontra o

objeto (KOSSOY, 2001) e o segundo visa reconhecer o antigo dono do objeto, por exemplo, em caso de doação ou compra cabe nesse campo especificar quem é o ex-proprietário do objeto. Para a DIMENSÃO EXPRESSIVA foram inseridos os metadados exposições, publicações, restaurações e autorização de uso. O metadado exposições refere-se ao que Ferrez (1994) alerta como uma ação na qual o objeto museológico, muitas vezes, passa e por isso deve ser registrada para relatar a história do mesmo dentro na instituição. Com relação ao metadado publicações, se observou que devem ser empregados para inserir referências de publicações com a imagem fotográfica em diferentes suportes, ao compreender que esta se tratando de uma fonte de informação científica, a publicação destas em diversos meios se torna algo essencial e constante. O metadado restaurações faz menção às intervenções de reparos no objeto, pois, conforme expõe Ferrez (1994), o objeto perde informação quando é restaurado por isso é necessário registrar essas etapas que o mesmo passa na instituição. Com relação ao metadado autorização de uso, verificamos a importância de se documentar as possibilidades de uso e acesso destas imagens fotográficas.

5.2 Informações referentes ao assunto

Passamos a análise de cada metadado estabelecido na proposta (quadro 4) referente a esse tópico. No que diz respeito à categoria QUEM/O QUE, genérico e específico, se evidencia os metadados descritores e descritores onomásticos, que tratam dos itens que descrevem o conteúdo representado na imagem, os quais Kossoy (2001) ressalta como de extrema relevância. O primeiro metadado faz referência a um conjunto mais amplo de conceitos que compõem o assunto representado na imagem fotográfica e, o segundo, específica possíveis personalidades ou instituições e/ou organizações que possam conter na imagem. Identificar esses componentes, muitas vezes, é o que confere valor para a fotografia por possuir instituições e/ou pessoas ilustres que compõem a cena exposta.

Com relação ao ONDE, genérico e específico, considerou-se a importância de se destacar o local no qual foi tirada a fotografia. Sobre a utilidade deste item de descrição, Ferrez (1994) argumenta sua importância quando afirma que por meio deste é possível reconhecer a localidade na qual a cena faz parte. Outro metadado considerado por nós são os descritores geográficos, cuja função é destacar referências internacionais, nacionais, regionais ou locais presentes na imagem, o que também permite ao pesquisador uma melhor visualização do lugar em que a imagem foi registrada. No campo de aferição QUANDO, genérico e específico, foi constatado a necessidade de metadados que façam menção a data da imagem fotográfica e a data das anotações. Esses metadados permitem que o pesquisador

identifique o período em que a imagem foi capturada; assim como, por meio da data das possíveis inscrições, podemos contextualizar questões sociais, históricas, culturais, artísticas e econômicas (KOSSOY, 2001) contidas na fotografia.

Para a categoria COMO, genérico e específico, anotações/ assinaturas é um metadado referente a marcas, notas e assinaturas na fotografia e transcrição de assinatura é a reprodução dessas. Segundo Bottallo (2010), no que se refere às transcrições, essas devem respeitar a grafia original e o idioma de quaisquer inscrições inseridas no objeto. Estes metadados permitem que o pesquisador possa obter algumas respostas para seus possíveis questionamentos. Entende-se que esses metadados contextualizam o objeto, as “assinaturas”, por exemplo, para identificar o fotógrafo, ou “legendas” para identificar o proprietário da fotografia ou o motivo da capturação da mesma, seja presenteando alguém, indicando quem aparece na imagem ou uma dedicatória. São formas que contribuem para a análise do pesquisador. Além do mais, “marcas” de estúdios aproximam o pesquisador com relação à origem e fabricação do objeto.

No que tange o SOBRE, o metadado histórico da fotografia procura contextualizar e compreender as relações extrínsecas que a envolvem e o metadado elementos simbólicos compõe as interpretações simbólicas de cunho social e cultural representadas na imagem fotográfica (KOSSOY, 2001). Quanto a DIMENSÃO EXPRESSIVA, esta diz respeito às referências bibliográficas sugestão tanto de SMIT (2011) como de FERREZ (1994) que tratam sobre as bases teóricas que possuem relação com o assunto do objeto fotográfico.

5.3 Informações referentes ao fotógrafo

Apresenta a inclusão dos metadados correspondente a cada categoria estabelecida na proposta (quadro 4). Ao tratar do QUEM/O QUE, genérico e específico, destaca-se o metadado autor que visa identificar o fotógrafo que captura a imagem; já o metadado estúdio objetiva dar créditos as outras possibilidades de autoria que possam surgir. Arrisca-se dizer que estes metadados se referem às autorias pessoal e institucional tratadas pela catalogação na área da Ciência da Informação.

Com relação à categoria ONDE, genérico e específico, foi identificado os metadados local de nascimento e local de atuação, ambos visando extrair maiores informações sobre o fotógrafo. Quanto mais apontar informações sobre este, mais poderá ser descoberto sobre a imagem representada, e assim, melhor será descrito. Para tanto, no campo QUANDO, genérico e específico, estipulamos metadados que tratam do período de trabalho do fotógrafo

e a data de impressão da fotografia, cujo intuito é saber mais sobre a vida profissional do fotógrafo, bem como do objeto/documento.

No que tange o COMO, genérico e específico, os metadados referentes às características de estilo do fotógrafo, cujas evidências comprovam seu modo de fotografar, ou seja, de acordo com Kossoy (2001) esse campo compõem as peculiaridades na tomada de registro. Já o metadado específico diz respeito ao ambiente fotografado. A intenção é perceber que tipo de locais o fotógrafo costumava fotografar, por exemplo, se em locais fechados ou ao ar livre. Para o SOBRE, indicou-se o metadado observações para tratar de todas as informações encontradas sobre o fotógrafo que não possui metadado equivalente na ficha documental. Quanto a DIMENSÃO EXPRESSIVA, foi sugerido o metadado objetos associados que faz alusão a outros objetos que podem estar no acervo do museu e que possuem relação com o fotógrafo e/ou estúdio, por exemplo, uma câmera fotográfica utilizada por ele.

5.4 Informações referentes à tecnologia

Ao incorporar os metadados apropriados a cada categoria estabelecida na proposta (quadro 4), inicia-se uma reflexão sobre as partes que compõem esse tópico. Em relação ao QUEM/O QUE, genérico e específico, se verifica a necessidade da inserção dos metadados equipamento e suporte físico, uma vez que o primeiro permite que se identifique o aparelho (FLUSSER, 2011), parte importante para a compreensão das relações sociais que envolvem o objeto, já o segundo trata do tipo de suporte físico em que a imagem fotográfica foi exposta. Conforme Manini (2010) são muitos os sustentáculos de uma fotográfica história, por exemplo, os negativos de vidro. Além disso, é verificado que este metadado é o único que está presente em todas as fichas dos museus analisados e que possui a mesma nomenclatura, ou seja, trata-se de um campo de registro determinante para os museus no momento de descrever a fotografia histórica, uma vez que essa pode ser fixada em variados tipos de materiais.

No ONDE, genérico e específico, incluiu-se a marca do equipamento e marca do suporte, tendo em vista a existência de históricas fábricas que por muito tempo dominaram o mercado fotográfico, por exemplo, a KODAK. Para o campo de aferição QUANDO, genérico e específico, é indicado os metadados período do equipamento e período do suporte físico, ambos são necessários tendo em vista que a tecnologia avançou aceleradamente e com ela as transformações dos aparelhos e suportes. Dados que, a nosso ver, são muito relevantes porque permitem que o pesquisador se oriente no tempo-espço da ocorrência do ato fotográfico. No que se refere ao COMO, genérico e específico, os metadados processo fotográfico e natureza

do original. Segundo Manini (2010), informar sobre o processo fotográfico é importante porque permite que se identifique a trajetória da fotografia, em diferentes épocas, por meio dos diferentes processos químicos pelos quais passaram. A natureza do original, conforme Kossoy (2001) tem utilidade para o pesquisador devido ao fato de possibilitar que ele reconheça se a fotografia histórica se trata de um negativo, de um positivo ou de uma cópia. Essa informação pode tornar o objeto/documento mais ou menos raro.

Na categoria SOBRE, se constatou os metadados: formato, descrição física, dimensão física e cromia. Estes são características intrínsecas ao objeto, fazem referência aos elementos descritivos que compõem a sua estrutura física. Foi registrado também nesta categoria o metadado tema que está relacionado ao tipo de fotografia, por exemplo, a paisagem. Este metadado foi citado como importante pelos autores estudados Manini (2008; 2010) e Kossoy (2001), entre outros. Para a DIMENSÃO EXPRESSIVA, recomendamos a utilização do metadado técnica, tendo em vista sua ocorrência nas indicações de Manini (2008; 2010) que sugere a descrição da técnica fotográfica como um dado importante a ser considerado devido suas múltiplas possibilidades.

6 CONCLUSÕES

A presente pesquisa permitiu identificar que não há ainda uma preocupação visível de interoperabilidade institucional, mesmo quando estamos tratando especificamente de museus de mesma tipologia, o que permite questionar o quanto os museus estão preocupados em serem espaços de pesquisa, como sugere a Lei nº 11.409/2009. Nesse sentido, a proposta do conjunto de metadados para a descrição de fotografias históricas salvaguardadas em acervos de museus se apresenta como uma sugestão para que as instituições repensem suas formas de descrever a fotografia histórica, pensando em facilitar o acesso e a recuperação da informação pelos pesquisadores que buscam no acervo museológico sua fonte de pesquisa.

A proposta totalizou um conjunto de 54 metadados visando atender as necessidades informacionais do pesquisador. Cabe ressaltar, que desses 18 metadados foram criados para se adequarem a descrição da fotografia histórica, já os outros 36 metadados foram retirados das fichas de catalogação dos museus analisados. No entanto, nem todos metadados estavam presentes nas quatro fichas analisadas, averiguou-se que: onze estavam em todas as fichas; nove em três das fichas; quatro em apenas duas fichas e doze encontradas em apenas uma ficha.

Há que se enfatizar que essa é uma idealização do processo de descrição, pois se reconhece as dificuldades práticas encontradas nos museus brasileiros, sobretudo em relação

aos recursos financeiros e humanos. Dessa forma, é sugerido que quando não for possível a utilização integral dos metadados, estes possam ser utilizados a partir de uma seleção dos mais importantes e adequados a cada instituição.

Concluí-se diante disso que a fotografia histórica é um objeto museológico e fonte de pesquisa científica, e que para tanto deve ser descrita de forma que atenda o previsto pelo sistema de documentação museológica, no que tange às características informacionais intrínsecas e extrínsecas do objeto, bem como atenda as necessidades de recuperação pelo pesquisador. Além disso, a criação da proposta contribuiu para instigar os museus a ocuparem cada vez mais seu papel como entidades de pesquisa, por meio da organização do seu acervo e da valorização dos objetos enquanto fonte de informação. Ressalta-se a necessidade dos museus darem acesso às informações contidas nos acervos salvaguardados, de modo que a informação circule e crie condições para que a comunicação entre museu e público seja renovada, permitindo a troca de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BARBUY, H. Documentação museológica e pesquisa em museus. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (MAST). Documentação em Museus, v.10. Rio de Janeiro: MAST, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro: MAST Colloquia; 2008. p. 33- 45.
- BARTHES, R. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BOTTALLO, M. Diretrizes em documentação museológica. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI. **Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes**. Brodowski: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa De Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010, p. 48-79.
- BRASCHER, M.;CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento. In: Enancib, São Paulo, 2008. **Anais...**, São Paulo: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação; 2008. p. 1-14.
- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 28 nov. 2013.
- BURGI, S. **Organização e preservação de acervos fotográficos**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2001.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CAFÉ, L.; SALES, R. Organização da Informação: conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: ROBREDO, J.; BRÄSCHER, M. (Orgs.). **Passeios pelo bosque da informação:**

estudos sobre a representação e organização da informação e do conhecimento – eroic. Brasília: IBICT, 2010, p. 115- 119.

CARTIER-BRESSON, A. **Uma nova disciplina: a conservação - restauração de fotografias**. 3. ed., Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

CARVALHO, V. C.; LIMA, S. F. Fotografia: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

CINTRA, A. M. M. *et al.* **Para entender as linguagens documentarias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002. 92p. (Coleção Palavra-chave).

CUNHA, I. M. R. F. Análise Documentária. In: SMIT, J. W (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1987, p. 39- 62.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: **Cadernos de ensaios, nº2 Estudos de museologia**. Rio de Janeiro, Minc/Iphan, 1994 p. 64-73.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Annablume, 2011.

FUNARTE *et al.* **Manual para catalogação de documentos fotográficos**. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

KEBRUSLY, C. A.. **O que é fotografia**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê, 2001.

LEITE, M. M. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. 3 ed. São Paulo: EdUSP, 2001.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7. ed., Petrópolis: Vozes, 2008, p. 137- 155.

LOUREIRO, J. M. M. Esboço acerca da documentação museológica. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (MAST). Documentação em Museus, v.10. Rio de Janeiro: MAST, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro: MAST Colloquia; 2008. p. 23- 33.

MANINI, M. P. A fotografia como registro e como documento de arquivo. In: BARTALO, L.; MORENO, N. A. (Org.). **Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas**. Londrina: EDUEL, 2008. p. 119-183.

MANINI, M. P. Leitura de informações imagéticas: ajustes ainda necessários ao “novo” paradigma. In: MANINI, Miriam Paula; MARQUES, Otacílio Guedes; MUNIZ, Nancy Campos. (Org.) **Imagem, Memória e Informação**. Brasília: Ícone Editora e Gráfica, 2010. p. 11-31.

MARCONDES, C. H. Metadados: descrição e recuperação de informações na Web. In: MARCONDES, C. H.; KURAMOTO, H.; TOUTAIN, L. B.; SAYÃO, L. (Orgs.). **Bibliotecas digitais: saberes e práticas**. 2 ed. Salvador; Brasília: EDUFBA; IBICT, 2006, p. 95-111.

- MARCONDES, M. A importância da conservação fotográfica na reconstrução da memória. **Revista de Educação do Cogeime**, ano 11, n. 20, p. 121-125, jun., 2002. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap1320.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2012.
- MORO, F. C. **Museu: Aquisição e documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1986.
- PAVÃO, L. **Conservação de Coleções de Fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 1997. 355p.
- ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.
- SHATFORD, S. Describing a picture: a thousand words are seldom cost effective. **Cataloging and Classification Quarterly**, New York, v. 4, n. 4, p. 13-29, 1984.
- SHATFORD, S. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. **Cataloging and Classification Quarterly**, New York, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.
- SHATFORD, S. Some issues in the indexing of images. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, n. 8, p. 583-588, 1994.
- SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: SMIT, J. W. (Coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1987. p. 101- 113.
- SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28- 36, jul./dez. 1996.
- SMIT, J. W. Propostas para a indexação de informação iconográfica. (Mimeo). 1997.
- SMIT, J. W. A interoperabilidade semântica entre os diferentes sistemas de informação no museu. In: BEVILACQUA, G. M. F.; MARINGELLI, I. C. A. S. (Coord.). **I Seminário serviços de informação em museus**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011. p. 33-41.
- SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. **Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio PPG-PMUS Unirio/ MAST**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 79-84, 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/49>>. Acessado em: 15 mar. 2013.